

Quando as palavras fracassam a música fala: memórias de experiências de vozes universitárias que emergem em *playlists* musicais, sob a forma de *podcasts*, nas aulas de Oralidade, em uma Licenciatura

When words fail, music speaks: memories of experiences of university voices that emerge in musical *playlists*, in the form of podcasts, in an Orality classes, in a Degree

Quando las palabras fallan, la música habla: recuerdos de vivencias de voces universitarias que afloran en listas de reproducción musicales, en forma de podcasts, en clases de Oralidad, en una Licenciatura

Marcelo Vieira da Nóbrega¹

Resumo: Este manuscrito analisa a aplicabilidade do gênero *playlist* musical, por meio de *podcast*, em uma sala de aula de um curso de Licenciatura, mais precisamente no componente Oralidade, em uma universidade pública do interior da Paraíba. Trata-se de uma pesquisa ação, portanto qualitativa, de natureza descritiva e exploratória, que analisou, a partir das escolhas musicais de seis alunas, na faixa etária entre 21 e 24 anos, de que forma e em que níveis tais escolhas impactaram suas vidas, no confronto entre as experiências vivenciadas com as músicas selecionadas. Amíúde, pretende-se: a) categorizar, com base nos depoimentos colhidos, em função das escolhas musicais, as diferentes experiências com base nas memórias relatadas; e b) analisar os eventuais impactos das experiências elencadas nos comportamentos das colaboradoras com base nas categorias acima elencadas. As bases teóricas se ancoram em Benjamin (1994; 2021); em Orlandi (2007) para tratar das múltiplas formas de silenciamento; e em Le Goff (1990) para as perspectivas de memória e história. Alguns resultados chamam atenção nas escolhas: a) as angústias e incertezas que a maioria vivenciou durante a pandemia da Covid-19; b) as paixões amorosas; c) traumas de infância, abuso sexual por exemplo; e d) doces viagens imaginárias na infância.

Palavras-chave: Ensino. Gênero Textual. *Playlist*. Experiência. Memória. Ressignificação.

Abstract: This manuscript analyzes the applicability of the musical playlist genre, through podcast, in a classroom of a degree course, more precisely in the Orality component, at a public university in the interior of Paraíba. This is an action research, therefore qualitative, of a descriptive and exploratory nature, which analyzed, based on the musical choices of six students, aged between 21 and 24 years old, how and to what levels these choices impacted their lives. , in the comparison between the experiences lived with the selected songs. Often, I intended to: a) categorize, based on the statements collected, depending on the musical choices, the different experiences based on the memories reported; and b) analyze the possible impacts of the experiences listed on the employees' behaviors based on the categories listed above. The theoretical bases are anchored in Benjamin (1994; 2021); in Orlandi (2007) to address multiple forms of silencing; and in Le Goff for the perspectives of memory and history. Some results draw attention to the choices: a) the anxieties and uncertainties that the majority experienced during the Covid-19 pandemic; b) loving passions; c) childhood trauma, sexual abuse, for example; and d) sweet imaginary journeys in childhood.

¹ Doutor (PROLING/UFPB). Docente efetivo da CLP/FALLA/UEPB - Campus Campina Grande (PB) onde ministra os componentes Oralidade, Prática de Linguagem e Língua Portuguesa. Lidera o GRUPEO (Grupo de Pesquisa de Estudos da Oralidade) cadastrado no CNPQ. Email: marcelaodocantofino@gmail.com.



Keywords: Teaching. Textual Genre. Playlist. Experience. Memory. Resignification.

Resumen: Este manuscrito analiza la aplicabilidad del género playlist musical, a través de podcast, en un aula de una carrera de Licenciatura, más precisamente en el componente de Oralidad, en una universidad pública del interior de Paraíba. Se trata de una investigación acción, por tanto cualitativa, de carácter descriptivo y exploratorio, que analizó, a partir de las elecciones musicales de seis estudiantes, con edades entre 21 y 24 años, cómo y en qué niveles estas elecciones impactaron sus vidas, en el. comparación entre las experiencias vividas con las canciones seleccionadas. A menudo pretendía: a) categorizar, a partir de los relatos recogidos, según las elecciones musicales, las diferentes experiencias a partir de los recuerdos relatados; y b) analizar los posibles impactos de las experiencias enumeradas en los comportamientos de los empleados con base en las categorías enumeradas anteriormente. Las bases teóricas están ancladas en Benjamin (1994; 2021); en Orlandi (2007) para abordar múltiples formas de silenciamiento; y en Le Goff por las perspectivas de la memoria y la historia. Algunos resultados llaman la atención sobre las opciones: a) las ansiedades e incertidumbres que la mayoría experimentó durante la pandemia de Covid-19; b) pasiones amorosas; c) trauma infantil, abuso sexual, por ejemplo; y d) dulces viajes imaginarios en la infancia.

Palabras clave: Enseñanza. Género Textual. Lista de Reproducción. Experiencia. Memoria. Resignificación.

Introdução

Início com Benjamin: “Quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem a lê partilha, dessa companhia (Benjamin, 1994, p. 213). Na função de docente do componente Oralidade, num curso de formação de professores de uma universidade pública do interior da Paraíba, tenho lido/escutado atentamente, mais do que histórias, centenas de fragmentos de desabafos, aspirações, sentimentos, causos, decepções e experiências provindos de jovens universitários da Graduação. Trata-se de uma atividade, sob a forma de *playlist* de músicas, apresentadas em *podcast*, na qual o(a) futuro(a) docente é convidado(a) escolher as 05 (cinco) músicas de sua vida e justificar a escolha de cada uma delas.

Portanto, à guisa, ainda, do que trata Benjamin - ao afirmar que “a memória é a mais épica de todas as faculdades” (Benjamin, 1994, p. 209) - e considerando-se os seus impactos nas práticas profissionais futuras de jovens docentes em formação, delimito este trabalho, à luz da seguinte afirmação: uma investigação acerca dos impactos propiciados pela memória como experiência vivenciada por jovens em um curso de formação de professores de uma universidade pública no estado da Paraíba. Ademais, amiúde, pretendo: a) categorizar, com base nos depoimentos colhidos, em função das escolhas musicais, as diferentes experiências com base nas memórias relatadas; e b) analisar os eventuais impactos das experiências elencadas nos comportamentos dos(as) colaboradores(as) com base nas categorias acima elencadas.

Com efeito, a pergunta de Benjamin “Quem irá, sequer, tentar lidar com a juventude invocando sua experiência?” (Benjamin, 2021, p. 4) ilustra a questão-problema fundante, reforçada por questionamentos do tipo: qual a natureza da experiência vivenciada

pela chamada Geração Z², hiperconectada com a espetacularização das telas e quais impactos tal experiência provoca em suas vidas? De que forma e em que níveis os seus gostos musicais são reflexos do que veem, sentem e experienciam em suas vidas? Enfim, que tipo de valoração se pode conceber a jovens com, em tese, ‘pobrezas de experiência’, segundo o dizer de Benjamin?

Com efeito, o *corpus* analítico deste trabalho parte da transcrição de seis *playlist’s* – que tratam de escolhas musicais das alunas - sob a forma de *podcast*, coletadas entre 2023 e 2024, de maneira aleatória, e busca categorizar as impressões, sentimentos e expectativas pessoais e de mundo de jovens do 3º período do curso de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba – Campus I, localizado na cidade de Campina Grande (PB).

A atividade consistia na gravação de um *podcast*, no qual a jovem era convidada, em um áudio de, no máximo, 10 minutos, a mencionar as cinco músicas de sua vida, bem como justificar as razões de sua escolha. Para efeito de manutenção e/ou preservação de suas faces, as colaboradoras foram nomeadas por ordem alfabética, respectivamente, A, B, C, D e E, distribuídos conforme a discriminação no quadro a seguir.

Quadro 01: Identificação das colaboradoras.

Colaboradora	Turno	Idade	Gênero com o qual se identifica
A	Noturno	21 anos	Mulheres e se identificam como heterossexuais.
B	Noturno		
C	Noturno		
D	Integral		
E	Integral		
F	Noite	24 anos	

Fonte: arquivo pessoal.

No tópico seguinte analiso, com base nas categorias propostas, as diferentes experiências relatadas, bem como seu enquadramento analítico, com base nas escolhas musicais das colaboradoras do *corpus*.

² “A geração Z engloba jovens nascidos entre meados da década de 1990, sendo o período final incerto – assim, são pessoas com até 20 anos. Duffett (2017) caracteriza o grupo como “*screenadicts*” ou “*screenagers*” (do inglês, viciado em tela ou era das telas), pois somente conhecem o mundo com acesso contínuo e instantâneo à internet. Consoante, Cerreta e Froeming (2011, p. 5) afirmam que os jovens e crianças da geração Z “nunca conceberam o mundo sem computador, chats e telefone celular, e em decorrência disso, são menos deslumbrados que os da Geração Y”. Os autores citam ainda que “sua maneira de pensar foi influenciada, desde o berço, pelo mundo complexo e veloz que a tecnologia engrenou” (Zomer; Santos; Costa2018, p. 4. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/gual/article/view/1983-4535.2018v11n2p198/36898>. Acesso em: 18/09/2024).

Quando só Deus redime: a morte, a grande ‘firewall’, e suas repercussões nas experiências relatadas

Na Tabela a seguir discriminam-se as categorias de análise que proponho, com base nas escolhas musicais das colaboradoras. Tais categorias foram propostas a partir da análise das 30 músicas escolhidas (seis para cada colaboradora). É possível que as escolhas musicais de cada uma das colaboradoras se enquadrem em mais de uma das categorias propostas. Portanto, os percentuais elencados na tabela abaixo apenas quantificam os registros musicais em cada categoria em relação ao total geral de músicas selecionadas.

Tabela 01: Categorias analíticas propostas à luz das escolhas musicais.

Categoria	Nome	Total	%
01	Experiências com a morte decorrentes da pandemia da Covid-19	04	66,6
02	Experiências com a morte decorrentes de outras causas	01	16,66
03	Experiências de resiliência sob a força do divino	03	50,00
04	Experiências traumáticas (abuso sexual, assédio etc.)	01	16,66
05	Memórias agradáveis de infância	04	66,6
06	Experiências confessionais e amorosas da juventude	04	66,66

Fonte: arquivo pessoal.

O recorte analítico apontou para algumas constatações que julgo relevantes no que se refere às escolhas musicais das colaboradoras. A primeira refere-se ao grande impacto que a experiência de morte suscitou nas jovens. Observa-se que 83,3% das colaboradoras, quando somamos as categorias 01 e 02, refletiram, nas suas escolhas musicais, acerca de experiências marcantes com a temática da morte, quer sejam relacionadas ao período da pandemia da Covid-19 (66,6%), quer sejam em decorrência de outras causas (16,66). Tal estatística é impactante, já que esta angústia também influenciou nas escolhas que suscitaram a categoria 03, *Experiências de resiliência sob a força do divino*. Aqui, das três situações mencionadas nas escolhas musicais, duas delas referem-se diretamente à capacidade de que cada um teve de se superar em decorrência também da perda de parentes, próximos ou distantes.

Com efeito, o período pós-pandêmico, mais que mutilou muitas famílias, também as silenciou. A sensação de jovens que experienciaram pela primeira vez uma pandemia devastadora – e que perderam parentes próximos – refletiu-se em escolhas musicais do tipo:

*Tem dias que eu fico pensando na vida
E sinceramente não vejo saída
Como é, por exemplo, que dá pra entender
A gente mal nasce e começa a morrer
Sei lá, sei lá
A vida é uma grande ilusão
Eu sei lá, sei lá
Só sei que ela está com a razão*

(...)

*A gente nem sabe que males se apronta
Fazendo de conta, fingindo esquecer
Que nada renasce antes que se acabe
E o sol que desponta tem que anoitecer*³
(Escolha da Colaboradora A)

*Que nada renasce antes que se acabe
E o sol que desponta tem que anoitecer*⁴
(Escolha da Colaboradora A)

³ Sei lá... A vida tem sempre razão (Toquinho)

⁴ Sei lá... A vida tem sempre razão (Toquinho)

Ou em momentos em que a experiência da morte gerou a resiliência, sempre por meio da intervenção do divino. Vejamos:

*Aquilo que parecia impossível
Aquilo que parecia não ter saída
Aquilo que parecia ser minha morte
Mas Jesus mudou minha sorte
Sou um milagre e estou aqui⁵
(Escolha da Colaboradora B)*

*Mas hoje durma em paz
Feche bem os olhos e não tema a escuridão
Durma em paz, deite em segurança
Mal algum irá lhe assustar⁶
(Escolha da Colaboradora D)*

*Como é que tá aí?
De você faz tempo que não ouço nada
Fala um pouco, sua voz tá tão calada
Sei que agora deve estar impressionando os anjos
Com sua risada
Mas de você faz tempo que não ouço nada
Fala um pouco, sua voz tá tão calada
Aí de cima fala alto que eu preciso ouvir
Como é que tá aí?⁷
(Escolha da Colaboradora E)*

*Mas hoje durma em paz
Feche bem os olhos e não tema a escuridão
Durma em paz, deite em segurança
Mal algum irá lhe assustar⁸
(Escolha da Colaboradora D)*

⁵ Sou um milagre (Grupo Voz da Verdade)

⁶ Durma em Paz (Regina Mota)

⁷ Impressionando os Anjos (Gustavo Mioto).

⁸ Durma em Paz (Regina Mota)

Para muitas, a solução passa a ser Deus, o grande regalo, o interlocutor, o grande confidente. Em nenhuma das experiências relatadas, recorreram a amigos(as) ou familiares nas horas mais difíceis.

Nesse sentido, Benjamin, ao refletir acerca do progressivo extermínio do que chama de experiência comunicável, a experiência humana de se relacionar com o outro – com a ascensão, por exemplo do romance moderno e silencioso – trata da grande mudez, da devastadora pobreza de experiência que invadiu os soldados no pós-guerra. Vejamos:

Pobreza de experiência: isso não tem que ser entendido como se as pessoas ansiassem por novas experiências. Não, elas anseiam por se libertar das experiências, desejam um ambiente em que possam trazer à tona tão pura e claramente sua pobreza, a externa e também a interna, de modo que algo decente resulte disso. Nem sempre são ignorantes ou inexperientes. Frequentemente pode-se dizer o contrário: eles "devoraram" tudo, "a cultura" e "o ser humano", e ficaram fartos e cansados disso (Benjamin, 2021, p. 10).

A ideia de libertação das experiências vivenciadas pelos jovens, aqui, é flagrante. A música passa a ser o grande catalizador das experiências. A pobreza é sinônimo, no contexto benjaminiano, de busca de saídas, libertação; aos jovens das telas contemporâneas, que aqui chamo de ‘viciáticos’, de tentativa de preenchimento de vazios provocados pelo ‘natural’ silenciamento, ensimesmamento motivado pelas redes sociais. São vorazes ‘devoradores’ de tudo que veem nas telas. Parecem exaustos de tudo. No silêncio inquietante de sua mudez, *“sei lá, a vida é uma grande ilusão (...) a gente mal nasce e já começa a morrer”*, ou *“a gente nem sabe que males se apronta, fazendo conta, fingindo esquecer”* (Escolha musical da colaboradora A). Nota-se grande pobreza, em especial a interna. Os impactos da morte na pandemia, para muitas das colaboradoras, geram imediata mudez, para a qual duas seriam as soluções possíveis: as redes sociais e a música. A dolorosa experiência da pandemia da Covid-19 – com o seu imposto isolamento social - gera uma multidão de mutilados afetivos. A pobreza da experiência, aqui entendida no sentido de escassez da experiência face a face comunicável, aponta para um desejo pleno de sair às ruas, gritar aos quatro cantos que estava sobrevivendo à pandemia, que a vida venceria a morte, enfim, desejo de ser livre. Neste sentido, o depoimento da colaboradora D expõe o desejo de contar e cantar por meio da música. Vejamos:

Quando as palavras fracassam a música fala. De fato, quantas vezes não sabemos como externar determinado sentimento e emoções, mas isso se torna possível por meio de canções melodias. Toda jornada é embalada por diversas melodias. Cada nota significa muito ao contar e cantar o que faz parte da nossa história e que também integra o mais íntimo do nosso ser.

(Depoimento da colaboradora D)

Percebe-se que, por fazer parte da sua história, a música se funde a sua vida; é melodia que embala o mais íntimo do seu ser, quer na alegria ou na tristeza.

Os dados apontam, por outro lado, que tal pobreza também, internamente, é preenchida por meio do suporte do divino. Na categoria analítica 03, *Experiências de resiliência sob a força do divino*, 50% das colaboradoras lançaram mão de músicas que, neste contexto, denomino de acalanto divino como forma de expressar experiências resilientes, em

especial, no período pandêmico. A normalização do trânsito dialógico do humano com o divino torna-se recorrente. Senão vejamos:

*Feche bem os olhos e não tema a escuridão
Durma em paz, deite em segurança
Mal algum irá lhe assustar⁹*

(Escolha da colaboradora D)

*Mas de você faz tempo que não ouço nada
Fala um pouco, sua voz tá tão calada
Aí de cima fala alto que eu preciso ouvir, como é que tá aí?*

(Escolha da colaboradora E)¹⁰

Na escolha musical da colaboradora D, o ponto de partida da experiência parte do divino, o protetor, que a acalenta e a conduz à boa escuridão. Aqui o fechamento dos olhos se impõe, paradoxalmente, como abertura para a escuridão que traz a luz, Deus: encontrar a luz na escuridão da vida; fechar-se para esta e abrir-se ao divino. Nesse sentido, não haveria luz sem as trevas. Por sua vez, o polo dialógico se inverte na escolha musical da colaboradora E. Os versos apontam para duas possíveis interpretações. Tentativa de manter contato em outra dimensão, ou com um ente querido que já se foi, ou com a própria divindade. O fato de a colaboradora ter passado por uma experiência de morte de um parente durante a pandemia da Covid-19 aponta para a primeira opção. Materializa-se a experiência com o divino, em especial sob circunstâncias nas quais a vida corre risco. Deus exerceria, nesse contexto, dois fins: o de preencher, como amigo e confidente, um vácuo aberto pelo isolamento social forçado; e o de proteger contra o infortúnio. Em ambas as finalidades, cabe aqui o que defende Brait acerca da necessidade humana imperiosa da interação enquanto processo dependente do contexto. Vejamos:

Esse contexto interacional não é algo dado previamente, mas uma construção negociada nesse jogo de intersubjetividades e que depende das diferentes competências dos participantes, de seus desejos e de suas intencionalidades, e principalmente da maneira como a interação começa e se desenvolve no intercurso conversacional (Brait, 1999, p. 202).

O desejo desesperado da cura e/ou proteção contra os males da pandemia torna a escuta do divino, para além de uma livre escolha, uma necessidade de vida ou morte. A música apenas media o encontro.

As escolhas musicais das jovens universitárias, apontadas nas categorias analíticas 01 (*Experiências com a morte decorrentes da pandemia da Covid-19*) e 03 (*Experiências de resiliência sob a força do divino*) apontam para uma pobreza experiencial que, ao tempo em que expressam uma busca de liberdade – segundo o olhar benjaminiano – também as conduzem, paradoxalmente, às grandes prisões existenciais. A chamada Geração Z está imersa num grande *firewall* existencial: blindou-se do mundo físico, dos contatos face a face, do calor humano de seu semelhante e imergiu nas telas; libertou-se, aprisionando-se, ou, como queiram, aprisionou-se, ‘libertando-se’. E é neste momento em que a Pan-

⁹ Durma em Paz (Regina Mota)

¹⁰ Impressionando os Anjos (Regina Mota)

demia da Covid-19 apenas intensificou este quadro: a ameaça iminente da morte, quando associada ao isolamento social imposto em razão de contingências sanitárias, catalisou o quadro de angústia e pobreza, expressão esta de Benjamin. E aqui retomo o que este denomina de pobreza de experiência, comunitária, (e)afetiva, ao tratar do drama existencial vivenciado pelos soldados, na sua mudez e silenciamento, ao retornarem do campo de batalha da Segunda Guerra Mundial. Com efeito, o terror e a dor da brutalidade e das perdas humanas os calara à experiência coletiva, aos relatos. Eis o que ele retrata:

Sim, vamos admitir: essa pobreza não é apenas pobreza de experiências privadas, mas de experiências da humanidade em geral. E assim surge uma nova forma de barbárie. Barbárie? De fato. Dizemos isso para introduzir um conceito novo e positivo de barbárie. Pois para onde a pobreza de experiência leva o bárbaro? Isso o leva a começar do início; a recomeçar; a conviver com pouco; a construir com pouco e a não olhar nem para a direita nem para a esquerda. Entre os grandes criadores, sempre houve o implacável que em primeiro lugar limpou a mesa (Benjamin, 2021, p. 6)

Pode-se afirmar que o isolamento social provocado pela pandemia da Covid-19 proporcionou às multidões de internautas dispersos pelo Brasil grande paradoxo existencial, quando o assunto é pobreza de experiência, na perspectiva benjaminiana: ao tempo em que aprisionou o mundo da experiência coletiva no contato face a face, também permitiu, por meio de aplicativos de redes sociais, sites, links e/ou suportes de mídia digital – veiculadores de centenas de informações, músicas, poemas, textos de autoajuda, bem como múltiplas expressões da linguagem - que se ecoassem os gritos de liberdade, desa-bafos, denúncias, solidariedade, apoio, conforto, deleite e desejos os mais diversificados possíveis. É possível, que a técnica, tão fulminantemente criticada por Benjamin como responsável pela potencialização de todo tipo de miséria no pós-guerra, aqui – por meio da troca de experiência nas redes sociais (inclua-se aí a oitiva de dezenas plataformas musicais) – tornou tais jovens, no dizer deste pensador ‘bons bárbaros’, quero dizer, fê-los refletir, escutar, partilhar dramas pessoais, repensar atitudes e gestos humanos, enfim, conviver com o pouco das restrições físicas impostas.

A voz do silêncio ‘iminente’ que se move pela linguagem e suas repercussões nas experiências relatadas

Por sua vez, na categoria analítica 04 (*Experiências traumáticas: abuso sexual, assédio etc.*), a violência do ato revela-se na mesma medida dos efeitos gerados: a constatação do fato e o socorro ao divino. Senão vejamos nos dois fragmentos a seguir, transcritos de escolha musical da colaboradora A.

*Posso ouvir a Tua voz
É mais doce do que o mel
Que me tira desta cova
E me leva até o céu
Já vi fogo e terremotos
Vento forte que passou
Já vivi tantos perigos*

Mas Tua voz me acalmou¹¹
E ainda se vier noites traiçoeiras
Se a cruz pesada for, Cristo estará contigo
O mundo pode até fazer você chorar
Mas Deus te quer sorrindo
E ainda se vier noites traiçoeiras
Se a cruz pesada for, Cristo estará contigo
O mundo pode até fazer você chorar
Mas Deus te quer sorrindo¹²
(Escolha da colaboradora A)

As expressões “cova”, “fogo”, “terremotos”, “ventos fortes”, “perigos” (Primeiro fragmento) e “noites traiçoeiras” e “cruz pesada” (segundo fragmento) se contra-põem ao proposto nos versos “Posso ouvir a Tua voz/ É mais doce que mel” (Primeiro fragmento) e “Cristo estará contigo” e “Deus te quer sorrindo”. No relato a seguir, a colaboradora A justifica a sua escolha: Vejamos:

Essa música (Noites traiçoeiras, de Padre Marcelo Rossi) me faz lembrar quando eu tinha 12 anos. Eu fui vítima de diversos abusos na minha própria casa, pelo meu padrasto, e... Naquele momento... (Choro e emoção) eu... eu não estava entendendo nada, por ser uma criança... eu nunca contei pra minha mãe... pra ninguém. Sempre tive medo. Tenho medo até hoje de contar, mas... essa música diz... (Interrupção do relato e entra a música imediatamente).

(Colaboradora A).

A revelação da violência sofrida, após nove anos do ocorrido, aponta, quando o assunto é Geração Z, para um quadro de silenciamentos a que esta geração vem sendo submetida nos últimos 20 anos. Para tratar dessa geração, destaco o olhar de Orlandi (2007) acerca das bases teóricas que fundam os múltiplos atos de silenciamentos, bem como na sua relação com a linguagem. Assim, a autora denomina de silêncio fundador, ou fundante. Este, mais do que ausência de sons ou de palavras, para a autora quer dizer princípio fundante de toda significação, isto é, a “própria condição da produção de sentido” (...) silêncio como sentido, como história (Silêncio humano), como matéria significante; silêncio como ‘iminência’” (Orlandi, 2007, p. 68). Nesse sentido, o silêncio transcende as palavras. “Silêncio que não são as palavras silenciadas que se guardam nos segredos, sem dizer. O silêncio guarda um outro segredo que o movimento das palavras não atinge” (M. Le Bot, 1984, apud. Orlandi, 2007, p. 69). Há aqui uma questão central: para Orlandi, “o silêncio do sentido torna presente não só a iminência do não-dito que se pode dizer, mas o indizível da presença: do sujeito e do sentido. (Orlandi2007, p. 70). Silêncio que significa por si mesmo, segundo esta autora.

Nessa compreensão, a música é gatilho que dispara e presentifica o que estava na ‘iminência’, em uma memória de infância, não oficial: o abuso sexual sofrido. O segredo guardado desde a infância – interditado por circunstâncias sociais (família pobre e carente), culturais (o ser criança, mulher, criada por mãe e padrasto, de uma cidade do interior do nordeste brasileiro) – vem à tona no discurso. Neste caso, a linguagem musical serve apenas de “passagem incessante do silêncio às palavras e das palavras ao silêncio” (Or-

¹¹ O Escudo (Voz da Verdade)

¹² Noites traiçoeiras (Pe. Marcelo Rossi)

landi, 2007, p. 70). Neste jogo iminente de explosão interna do silêncio - do não-dito há anos, mas que está em potência de se dizer – há elementos de extrema complexidade que comprometem a explosão do silêncio sob a forma de linguagem. O fato de ser criança, mulher e incapaz de se defender do abuso praticado, quando aliado à cultura machista, são razões mais que fundantes para a histórica interdição social contra a vítima, manifestada por medo e vergonha de contar. Enfim, no dizer de J. de Bourbon de Bossuet (1984, *apud* Orlandi, 2021, p. 68) o silêncio é:

O que há entre as palavras, entre as notas de música, entre as linhas, entre os astros, entre os seres. Ele é o todo intersticial que põe em relevo os signos que, estes, dão valor à própria natureza do silêncio que não deve ser concebido como um 'meio'. O silêncio, diz o autor, é o 'intervalo pleno de possíveis que separa duas palavras proferidas: a espera, o mais rico e o mais frágil de todos os estados

Eis o silêncio como finalidade, que espera a qualquer momento ser revelado; que preenche os poros de nossa memória – seja oficial ou interditada. A revelação da colaboradora “*Naquele momento.... (Choro e emoção) eu... eu não estava entendendo nada, por ser uma criança... eu nunca contei pra minha mãe... pra ninguém*”, permeada de emoção e choro, põe em cena os três momentos de manifestação do silêncio: o inicial (em que este se instala, início da agressão sofrida, marcada pelo desconhecimento da agressão. Aqui, a estratégia de ameaça e potencial agressão física potencializa a força iminente do silêncio); o do reconhecimento e/ou consciência da agressão sofrida, (momento em que se marca o início da chamada ‘iminência’ de explosão do silêncio); e por fim o da revelação do silêncio (a quebra dos interditos, onde os não-ditos se presentificam).

No tópico seguinte analiso as experiências vivenciadas a partir da categoria 05 (Memórias agradáveis de infância). Captei registros desta categoria em escolhas musicais em quatro das seis colaboradoras.

Cenas inesquecíveis: o romper do silêncio pela memória de infância

A presença ostensiva das agradáveis memórias de infância veio à tona nas escolhas musicais. Em quatro das seis colaboradoras tais escolhas refletiram cenas agradáveis ocorridas na infância. Destaco estratos musicais das colaboradoras A, B e F.

Antes, devo recorrer a Le Goff para tratar de memória. Para este pensador tem a ver muito mais enquanto um comportamento narrativo e menos pelo seu caráter mnemônico. “Não é uma propriedade da inteligência, mas a base, seja ela qual for, sobre a qual se inscrevem as concatenações de atos” (Le Goff, 1990, p. 425). São, portanto, estes atos que constituem a essência fundante da memória. Assim declara:

Pierre Janet "considera que o ato mnemônico fundamental é o "comportamento narrativo" que se caracteriza antes de mais nada pela sua função social, pois que é comunicação a outrem de uma informação, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo (Flores, 1972, p. 12, *apud* Le Goff, 1990, p. 424-425).

Trazer a memória de infância à presença quer dizer, necessariamente, não apenas reordenar vestígios, segundo Le Goff (1990), mas, e sobretudo, ter a capacidade de reler tais vestígios, repaginá-los, ressignificá-los, revisitá-los, recompreender os fatos do passado sob a égide do presente. Com efeito, quando esta revisita é promovida pela música o desafio parece ser mais agradável porque une a experiência por meio do balão ou da nave da musicalidade. Essa é a experiência, por exemplo, vivenciada na escolha da colaboradora F com a seleção do texto *Superfantástico*, da banda Balão Mágico. Os versos: “*Que bom estar contigo no nosso balão!*” e “*Vamos voar novamente mais uma canção*” apontam para um convite irresistível à alegria do retorno. As ideias-convite do voar novamente, assim como a do cantar mais uma canção (em *Cantar alegremente mais uma canção*), para além de sugerirem que já houve outros voos assim como outras canções anteriormente, também nos remetem ao alegre retorna, por meio da música, a lugares distantes, sob o comando dos balões imaginários, nos quais cabem todas as crianças e adultos do mundo, desde que carreguem a felicidade em seus corações. Parece, portanto, ser esse o motivo da viagem: a experiência do ser eterna criança. Vejamos:

Superfantástico
Superfantástico, amigo
Que bom estar contigo no nosso balão!
Vamos voar novamente
Cantar alegremente mais uma canção
(...)
Tantas crianças já sabem
Que todas elas cabem no nosso balão
Até quem tem mais idade
Mas tem felicidade no seu coração

Sou feliz
Por isso, estou aqui
*Também quero viajar nesse balão*¹³
(Escolha da colaboradora F)

Já, a colaboradora A, ao recuperar a melodia *Minha Vida* (Rita Lee), vai ao encontro do ser amado em algum tempo do passado, em suas memórias. Tempo perdido, levado pelo vento, mas trazido pelo tempo. O caráter narrativo atribuído à memória, na perspectiva legoffiana, se perfaz, fundamentalmente, no jogo poético presente no verso: “*Que o vento levou e o tempo traz*”. As memórias visibilizam histórias, cenas de filmes em branco e preto, romances, retratos da vida. Assim, o ato de lembrar quer dizer trazer o outro à presença; mais que rememorar, é lembrar mais, tornar inesquecível.

Cenas do meu filme em branco e preto
Que o vento levou e o tempo traz
Entre todos os amores e amigos
De você me lembro mais
(...)

¹³ *Superfantástico* (A Turma do Balão Mágico)

*Personagens do meu livro de memórias
Que um dia rasguei do meu cartaz
Entre todas as novelas e romances
De você me lembro mais*

*Desenhos que a vida vai fazendo
Desbotam alguns, uns ficam iguais
Entre corações que tenho tatuados
De você me lembro mais
De você, não esqueço jamais¹⁴*

(Escolha da colaboradora A)

Com efeito, a mesma relação dialógica entre o vento e o tempo, catalizadores da memória enquanto componente narrativo, também se opera na escolha musical da colaboradora B, em *O tempo* (Oficina G3). Aqui, o tempo não volta, apenas passa. A personificação dos elementos da natureza (o ato do vento tocar o rosto, lembrando ao ser que o tempo é quem carrega os seus dias) dá leveza à cena da inexorável e definitiva capacidade de o tempo jamais voltar, ou, algo ou alguém jamais detê-lo. Se ele não para, logo se esvai, mas não consegue levar o amor, este que fica. O ato de reconhecer a majestática força do tempo é, no contexto, paradoxal à ação de admitir que ele não vence o amor. Portanto, revisitar a música quer dizer que o tempo passou, mas o amor ficou. Eis um pequeno fragmento dos versos:

*O vento toca o meu rosto
Me lembrando que o tempo vai com ele
Levando em suas asas os meus dias
Desta vida passageira*

*Minhas certezas, meus conceitos
Minhas virtudes, meus defeitos
Nada pode detê-lo
O tempo se vai
Mas algo eu sempre guardarei
O teu amor, que um dia eu encontrei¹⁵*

(Escolha da colaboradora B)

No tópico seguinte discuto as escolhas musicais categorizadas por *Experiências confessionais e amorosas da juventude*, a última das categorias propostas.

Revisitar velhos amores: o romper do silêncio pela confissão

Mais uma vez, quatro das seis colaboradoras revisitaram e/ou empreenderam, nas escolhas musicais, viagens de memórias confessionais, ressignificando encontros, perdas, desabafos e outros sentimentos nos quais, sempre, a presença da memória do ser amado se protagoniza. Mais uma vez, a estratégia utilizada nessa viagem traz à tona, não mais balões, mas discos voadores. Os revisitantes, astronautas que, por entre galáxias e atra-

¹⁴ Minha Vida (Rita Lee)

¹⁵ O Tempo (Oficina G3)

vés de órbitas imaginárias, viajam pelo tempo. Portanto, para essa revisita ao ser amado, a relação ostensiva dos sentimentos, metafórica por excelência, com elementos da natureza, é constante. Vejamos na viagem empreendida pela colaboradora F, por meio de uma de suas escolhas:

*Eu, como astronauta, visitei planetas
Transpus os limites do céu multicolor
Viajei a bordo dos meus pensamentos
Fiz do coração um disco voador
E em meio as galáxias do mundo universo
Encontrei em Marte a musa do amor*

*Seu nome possui sinônimo de água
Mas ela parece ser mesmo é de Marte
Madeixas da noite, estética de estrela
Beleza que igual não tem noutra parte*

*Eu estou em órbita entre a Terra e Júpiter
Vigiando os astros que seguem seus passos
No céu de sua boca meus lábios decolam
E a nuvem de beijos encobre os espaços
E essa massa cósmica que envolve os planetas
Constituem o elo dos nossos abraços*

*Seu nome possui sinônimo de água
Mas ela parece ser mesmo é de Marte
Madeixas da noite, estética de estrela
Beleza que igual não tem noutra parte¹⁶*

Chama atenção, no jogo metafórico, algumas fusões: viagem pelos pensamentos; transformação do coração em um disco voador; o fato de o encontro da musa poder ocorrer em Marte, portanto uma marciana, algo raro, fantástico e inimaginável; a associação da beleza dos elementos da natureza – noite, céu e estrelas - com o corpo do ser amado (madeixas, céu da boca, lábios). Chama atenção a fusão metafórica presente nas palavras céu, nuvem e espaços: a primeira em “No céu de sua boca meus lábios decolam”; e a segunda em “E a nuvem de beijos encobre os espaços”. A palavra espaço, de forte apelo semântico, sintetiza tanto espaço sideral, quanto o do beijo, o preenchido pelo ser amado. O ato de estar em movência de pensamento e sentimento entre dois espaços imaginários (*Eu estou em órbita entre a Terra e Júpiter*) aponta para a condição de cuidado, de zelo, de monitoramento dos passos do ser amado. Em outra perspectiva, curiosa é a condição física e espacial que liga os dois seres. Nos versos “E essa massa cósmica que envolve os planetas Constituem o elo dos nossos abraços”, mais uma vez, a menção à importância da massa cósmica (ente ligado diretamente à natureza, à via láctea) como elo que impulsiona os abraços entre os seres amados é fator que singulariza, na escolha musical da colaboradora, a importância da revisita, por meio da memória, ao tempo passado.

Já em *Sinônimos*, outra escolha da colaboradora F, deduz-se para a constatação de que o sofrimento é condição primeira de quem ama, já que este só se realiza pela paixão, responsável direta pela perda da razão, logo pela dor e sofrimento. Assim, mais uma vez,

¹⁶ Astronautas (Os Nonatos)

pode-se perceber que a colaboradora experienciou, pelas escolhas que fez, em algum momento de seu passado, na arte do amor, dor, sofrimento, enfim, paixão. Parece que em algum momento experienciou a solidão, os espinhos da paixão, provavelmente o abandono do ser amado, a tristeza, enfim, os descaminhos da paixão, inclusive com a perda do sentido da vida. No seu depoimento não se vislumbra se os venceu, mas – a julgar pela escolha musical – pode-se deduzir que sim, já que os versos finais são definitivos: “*Quem ama nunca sente medo/ De contar os seus segredos/ Sinônimo de amor é amar*”.

Eis os fragmentos investigados:

*Quanto tempo o coração leva pra saber
Que o sinônimo de amar é sofrer
Num aroma de amores pode haver espinhos
É como ter mulheres em milhões e ser sozinho*

*Na solidão de casa, descansar
O sentido da vida, encontrar
Ninguém pode dizer onde a felicidade está*

*O amor é feito de paixões
E quando perde a razão
Não sabe quem vai machucar*

*Quem ama nunca sente medo
De contar os seus segredos
Sinônimo de amor é amar¹⁷*

Considerações finais

Devo concordar, em parte, com Benjamin (1994), considerando-se o contexto histórico-cultural e social no qual estamos inseridos em pleno terceiro milênio: a experiência de narrar, de acionar os gatilhos da memória, sobrevive na contemporaneidade, em especial quando se lança mão, em sala de aula – seja na educação básica ou nas licenciaturas, objeto desta pesquisa – dos inúmeros recursos tecnológicos de que se dispõe, por forças dos múltiplos aparatos de suporte de mídia eletrônica, dentro os quais destaco a *playlist*. No caso em análise propôs-se, sob a forma de *podcast*, que o(a) aluno(a) escolhesse as cinco músicas de sua vida, bem como elencasse as razões de sua escolha.

A faculdade de intercambiar experiências de vida de jovens universitárias, pertencentes à chamada Geração Z, a partir da mediação de suas experiências musicais, foi desafiadora e exigiu, para tal, a proposição de seis categorias analíticas, quais sejam: a) *Experiências com a morte decorrentes da pandemia da Covid-19*; b) *Experiências com a morte decorrentes de outras causas*; c) *Experiências de resiliência sob a força do divino*; d) *Experiências traumáticas (abuso sexual, assédio etc.)*; e) *Memórias agradáveis de infância*; e f) *Experiências confessionais e amorosas da juventude*. Destaco a seguir algumas deduções que julgo relevantes, decorrentes dos resultados tabulados à luz destas categorias propostas.

¹⁷ Sinônimos (Zé Ramalho).

Nas três primeiras categorias (*Experiências com a morte decorrentes da pandemia da Covid-19*; *Experiências com a morte decorrentes de outras causas*; e) *Experiências de resiliência sob a força do divino*), percebeu-se quão impactante a experiência da morte influiu nas escolhas musicais. A primeira das categorias tem a ver diretamente com o impacto devastador que a pandemia da Covid-19 proporcionou, situação refletida nas suas escolhas musicais, bem como nas memórias ressignificadas. Expressões como angústia, desespero, medos, incertezas, ansiedades e mutilações psicológicas e afetivas provocadas pela ameaça, e em algumas situações, pelas perdas de entes queridos, provocadas pela Covid-19. Já na segunda categoria, as experiências provocadas pelas mortes súbitas de parentes e/ou amigos(as) não geraram menos repercussão nas escolhas. Muitos dos textos escolhidos, para além de expressarem em suas letras mensagens de consolo, apoio moral e solidariedade, frente os dramas e incertezas veiculados, também apontam para a interação com o divino. Destaco aqui: a) *Ovelha negra* (Rita Lee); b) *Asleep* (Adormecida) (do Smith); c) *Sei lá* (Toquinho); d) *Bem* (Rubel); e) *Minha Vida* (Rita Lee); f) *O tempo* (Oficina G3); g) *Sou um milagre* (Voo da Verdade); h) *Acalme meu Coração* (Anderson Freire); i) *Noites traiçoeiras* (Pe. Marcelo Rossi); j) *Amarelo, azul e branco* (Ana Vitória); e l) *Nunca pare de lutar* (Ludmila Ferbe).

Neste sentido, as experiências memoriadas, via de regra, entre os 13 e os 18 anos coincidem com as fases de mudanças profundas da fase da infância/puberdade para a adolescência, marcada fundamentalmente por instabilidades emocionais e incertezas. Tais circunstâncias, quando aliadas às dificuldades relatadas pela maioria das colaboradoras - jovens mulheres, durante o período da pandemia da Covid-19 – agudizam cada vez mais o quadro de instabilidades e incertezas, o que impactou cada vez mais em escolhas musicais que sugerem dor, tristeza e incertezas, aliadas à solidariedade e empatia. Os resultados de tal quadro impactaram nas escolhas musicais inseridas na categoria analítica *Experiências de resiliência sob a força do divino*. Como nunca a presença do divino se apresentou como relevante nessas horas. Textos como: *Sou um milagre* (Voo da Verdade); *Acalme meu Coração* (Anderson Freire); e *Noites traiçoeiras* (Pe. Marcelo Rossi), expressam bem tal condição.

Por outro lado, na categoria *Experiências traumáticas* (*abuso sexual, assédio etc.*), uma das colaboradoras – ao relatar uma situação de abuso sexual sofrido quando criança, momento refletivo na escolha do texto *Noites Traiçoeiras* (Pe. Marcelo Rossi) – expõe no seu dito, o lado obscuro da sua infância, interditado por mais de 12 anos, segundo ela própria relata, pelo não-dito, mas latente e vivo, situação bastante comum e, infelizmente, silenciada pela força da omissão dos próprios familiares.

Por fim, nas duas últimas categorias propostas, *Memórias agradáveis de infância*; e *Experiências confessionais e amorosas da juventude*, as escolhas musicais refletiram os dramas, desenganos, paixões, inquietações e incertezas da descoberta do amor de muitas das colaboradoras. O elevado. O fato de 66,66% das escolhas estarem inseridas nesta

categoria aponta para a realidade amorosa da maioria delas: as necessárias experiências como fator de entrada no mundo das relações afetivas que transcendem a família.

Por fim, vale uma constatação final. Esta pesquisa torna-se relevante e procedente na medida em que intersubjetiva a experiência humana, por meio de uma memória musical de cada jovem, impactadora de cada história de vida, em distintos momentos, onde as dores, tristezas, perdas, expectativas e projetos se metaforizam em tons, ritmos, melodias e mensagens diversos. É a memória, oxigênio da vida, que vai ressignificando a própria vida.

Referências

BRAIT, Beth. O processo interacional. In: PRETI, Dino. **Análise de Textos Oraís**. São Paulo (SP): Humanitas, 1999.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, (p. 197-221).

BENJAMIN, Walter. **Experiência e pobreza**. Rio de Janeiro: Compouco Edições, 2021.

CERETTA, S. B; FROEMMING, L. M. Geração Z: Compreendendo os Hábitos de Consumo da Geração Emergente. **Revista Eletrônica do Mestrado Profissional em Administração da Universidade Potiguar**. Ano III, n. 2, abr./set, 2011.

DUFFETT, R. G. Influence of social media marketing communications on young consumers' attitudes. **Young Consumers**, v. 18, n. 1, p. 2017

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução: Bernardo Leitão et al. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 1990

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As Formas do Silêncio: no movimento dos sentidos**. 6a ed. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 2007

ZOMMER, L. B.; SANTOS, A. R.; COSTA, K. C. O. O Perfil de alunos do curso de Administração: um estudo com base nas gerações X, Y E Z. **Revista Gestão Universitária na América Latina - GUAL**, v. 11, n. 2, p. 198-221. UFSC: 2018. Disponível em:

DOI: <https://doi.org/10.5007/1983-4535.2018v11n2p198>. Acesso em: 05 nov. 2024.

Recebido: 09.10.2024

Aprovado: 11.11.2024

Publicado: 19.11.2024